

**IBRABA**

Instituto Brasileiro de ABA

**TRATADO INTEGRADO DE  
INTERVENÇÃO PRECOCE E  
PRÁTICA AVANÇADA EM ABA**

Volume V: Transição para a Vida Adulta, Habilidades  
Sociais e AVDs  
(Capítulos 9 e 10)

Hub Operacional e de Desenvolvimento Científico

CNPJ: 48.519.025/0001-22

## AULA 9 – INTERVENÇÃO EM ADOLESCENTES E ADULTOS

---

A aplicação da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente concentra-se de maneira desproporcional na primeira infância. Contudo, o envelhecimento da população diagnosticada impõe uma mudança urgente no foco clínico. A adolescência e a vida adulta trazem desafios singulares, marcados pela transição da estrutura puramente escolar para ambientes comunitários, acadêmicos de nível superior e de inserção no mercado de trabalho.

No Instituto Brasileiro de ABA (IBRABA), o planejamento terapêutico para adolescentes e adultos afasta-se definitivamente dos marcos de desenvolvimento infantis e adota uma abordagem funcional centrada na autodeterminação e na redução da dependência de cuidadores. O objetivo central é capacitar o indivíduo a gerenciar a própria vida, expressar preferências, trabalhar, morar em comunidade com o menor nível de suporte possível e exercer a sua cidadania.

Esta aula abordará as estratégias de planejamento de transição, a aplicação de protocolos específicos para esta faixa etária, como o AFLS (\*The Assessment of Functional Living Skills\*), e a engenharia de programas voltados à empregabilidade e autonomia social.

### Caixa explicativa 1 – Ideia central da aula

A intervenção em adultos e adolescentes com TEA prioriza competências ecológicas e funcionais que impactam diretamente a sobrevivência autônoma e a qualidade de vida. O foco clínico migra do preenchimento de lacunas desenvolvimentistas para a construção de repertórios de independência prática e autodeterminação.

Fonte: Adaptado de Partington e Mueller (2012), Wehmeyer et al. (2010), Cooper, Heron e Heward (2020) e IBRABA (2026).

## O Paradigma da Autodeterminação e Protocolos de Avaliação Avançados

Ao lidar com adultos no espectro, o analista do comportamento deve aplicar o princípio da relevância do comportamento. Toda e qualquer meta estabelecida deve ser imediatamente útil para o ambiente natural do sujeito. Se um indivíduo de 20 anos não se comunica funcionalmente, ensiná-lo a parear figuras de animais infantis é um erro metodológico e uma violação de sua dignidade. O foco deve ser o treino de mandos funcionais voltados a necessidades vitais e o uso de sistemas de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) contextualizados para a vida adulta.

Para mapear este repertório complexo, o IBRABA utiliza o protocolo AFLS (desenvolvido por James Partington e Michael Mueller). Ao contrário do VB-MAPP, o AFLS avalia habilidades divididas em módulos práticos: habilidades básicas de vida, autonomia doméstica, habilidades de participação comunitária, habilidades vocacionais e de independência em ambientes escolares avançados/universitários.

**[IMAGEM 9.1: ARQUITETURA DE MÓDULOS DO PROTOCOLO AFLS]**

Representação visual das conexões entre os módulos do AFLS (Doméstico, Comunitário, Vocacional e Habilidades Básicas) preconizados pelo IBRABA.

## Tabela 1 – Comparação de foco avaliativo entre infância e vida adulta

Dimensão Clínica	Foco na Infância (0-12 anos)	Foco na Adolescência/Vida Adulta (13+ anos)	Direcionamento IBRABA
Ferramenta de Rastreo	VB-MAPP, ABLLS-R, ESDM.	AFLS, TTAP (*TEACCH Transition Profile*).	Uso de ferramentas com validade ecológica para a vida real e trabalho.
Repertório Linguístico	Aquisição de operantes primários (tato, ecoico, imitação).	Comunicação funcional focada em autoadvocacia e escolhas complexas.	Substituir treinos formais por treinos integrados em comunidade.
Controle Ambiental	Estruturado pelo terapeuta ou pais na clínica ou escola.	Uso de suportes tecnológicos gerenciados pelo próprio sujeito.	Migração do controle instrucional humano para o controle por agendas digitais.
Manejo Comportamental	Redução de birras infantis e aumento de cooperação básica.	Prevenção de vulnerabilidade social, abuso e manejo de desregulações severas.	Foco na segurança, direitos civis e inserção profissional segura.

Fonte: Adaptado de Partington e Mueller (2012), Wehmeyer et al. (2010) e IBRABA (2026).

## Inclusão Vocacional Baseada em Evidências vs. Emprego Apoiado Pro Forma

A inclusão de pessoas com TEA no mercado de trabalho frequentemente falha porque as empresas utilizam preenchimento de cotas de forma superficial, inserindo o indivíduo em postos sem mapeamento prévio de competências ou análise de tarefas. Na engenharia comportamental do IBRABA, a inclusão vocacional segue o modelo de Emprego Apoiado, fundamentado em três pilares analíticos: análise do perfil comportamental do candidato, análise das demandas do posto de trabalho

(\*job matching\*) e o desmembramento das rotinas profissionais por encadeamento de respostas e esvaecimento graduado de dicas (\*prompting\*).

O analista atua como um consultor de desempenho, adaptando o ambiente empresarial por meio de pistas visuais e instruindo os gestores sobre como emitir feedbacks claros e objetivos, eliminando ambiguidades verbais corporativas que costumam evocar crises de ansiedade no trabalhador autista.

### Caixa explicativa 2 – A ilusão da inserção profissional sem suporte

Colocar um adulto com TEA no mercado sem análise de tarefas e adaptação de antecedentes condena o trabalhador ao fracasso e à demissão. O sucesso profissional depende do pareamento correto entre aptidões e suportes visuais de rotina.

Fonte: Adaptado de Wehmeyer et al. (2010), Hume et al. (2021) e IBRABA (2026).

## Tabela 2 – Elementos críticos na estruturação do Emprego Apoiado em ABA

Etapa do Processo	Ação Técnica Baseada em Dados	Erro Prático Frequente	Resultado Científico IBRABA
Análise de Tarefas	Decompor a função corporativa (ex: catalogar arquivos) em micro-passos observáveis.	Dar uma instrução genérica como "organize o estoque até o fim do dia".	Garantia de previsibilidade e execução autônoma sem erro.
Pareamento (*Job Match*)	Escolher postos cujas demandas combinem com o repertório e hiperfocos estáveis do indivíduo.	Inserir um autista com hipersensibilidade auditiva grave no atendimento de telemarketing.	Sustentabilidade do emprego a longo prazo e redução do estresse biológico.
Suportes Tecnológicos	Instalar listas de checagem digitais autoexecutáveis no smartphone do colaborador.	Depender de que um colega de trabalho lembre verbalmente o adulto de suas obrigações.	Redução drástica da estigmatização e eliminação da dependência de dicas humanas.

Fonte: Adaptado de Partington e Mueller (2012), Cooper, Heron e Heward (2020) e IBRABA (2026).

## Estudo de caso clínico

Mateus, 22 anos, diagnosticado com TEA Nível 1 de suporte, concluiu o ensino médio de forma regular, mas permanecia isolado em casa, sem conseguir ingressar no mercado de trabalho ou

realizar tarefas de autonomia doméstica. Os pais relatavam que Mateus apresentava crises de ansiedade aguda, acompanhadas de fuga e isolamento no quarto, sempre que cobrado a procurar emprego ou ir ao banco sozinho. A aplicação inicial do protocolo AFLS revelou pontuações críticas nos módulos de Participação Comunitária e Vocacional.

A hub operacional do IBRABA desenhou um Plano de Transição para a Vida Adulta (PTVA). O mapeamento identificou uma excelente habilidade de Mateus para processamento de dados textuais e hiperfoco em informática. A equipe localizou uma vaga de assistente de digitalização em uma empresa de advocacia parceira. Antes da contratação, o analista do comportamento realizou a análise de tarefas do posto, transformando a rotina de trabalho em um fluxograma visual explícito fixado na mesa de Mateus.

Para mitigar as crises em comunidade, realizou-se o treino em ambiente real utilizando análise de tarefas para o uso do transporte público (ônibus) e transações em caixas eletrônicos. Utilizou-se o esvaecimento de dicas físicas para visuais: o terapeuta acompanhava Mateus a distância, intervindo apenas se houvesse falha na cadeia de respostas. Em seis meses de intervenção, Mateus estabilizou-se no emprego, passou a se deslocar sozinho pela cidade e abriu sua própria conta bancária, demonstrando a eficácia da aplicação da ABA estruturada na vida adulta.

**Tabela 3 – Matriz do Plano de Transição para a Vida Adulta (PTVA): Caso Mateus**

Área de Déficit (AFLS)	Barreira Identificada	Meta Individualizada de Autonomia	Procedimento de Ensino (ABA)
Módulo Vocacional: Baixa autonomia em tarefas complexas.	Ansiedade severa diante de comandos verbais abstratos de superiores.	Digitalizar e arquivar 40 processos jurídicos por dia sem erros.	Encadeamento de respostas (*Chaining*) com apoio de lista de checagem visual digital.
Módulo Comunitário: Dependência de transporte privado familiar.	Medo de errar a rota do transporte público urbano.	Deslocar-se de casa para o trabalho utilizando ônibus de forma autônoma.	Treino em ambiente real (*In-Vivo Prompting*) com esvaecimento gradual de dica presencial.

Fonte: Planos de transição vocacional da Hub IBRABA (2026).

## Questões reflexivas

1. De que forma o princípio da relevância do comportamento altera as escolhas curriculares do analista de comportamento na transição para a vida adulta?
2. Explique a estrutura modular do protocolo AFLS e justifique sua superioridade técnica em relação ao VB-MAPP ao avaliar adultos com TEA.
3. O que é o modelo de Emprego Apoiado e quais variáveis devem ser controladas no ambiente corporativo para garantir a permanência do trabalhador autista?

4. No caso de Mateus, de que forma o uso de listas de checagem visuais digitais atuou como um substituto eficaz para o controle instrucional humano?
5. Quais são os principais riscos e efeitos colaterais de se manter treinos acadêmicos infantis abstratos para indivíduos adultos com severo nível de suporte?

## Gabarito comentado

1. Este princípio determina que apenas comportamentos que geram reforçamento direto e funcional no ambiente natural do sujeito devem ser ensinados. Na vida adulta, isso prioriza competências práticas de sobrevivência, trabalho e autonomia doméstica, em detrimento de metas acadêmicas infantis puras.

2. O AFLS divide-se em módulos práticos (Básico, Doméstico, Comunitário, Vocacional, etc.). Ele supera o VB-MAPP para adultos porque não se baseia em marcos de desenvolvimento da primeira infância, avaliando competências necessárias para a vida independente e inserção comunitária direta.

3. O Emprego Apoiado é uma metodologia de inclusão baseada em dados que insere o sujeito no mercado por meio de mapeamento de competências, análise de tarefas do posto e treinamento focado. Deve-se controlar o nível de ambiguidade das instruções, a acessibilidade sensorial e o treinamento dos gestores.

4. As listas de checagem digitais funcionaram como estímulos discriminativos visuais permanentes ( $S^D$ ). Mateus consultava o próprio smartphone para saber o próximo passo da cadeia de respostas, eliminando a necessidade de supervisores humanos cobrando-o verbalmente, o que reduziu drasticamente sua ansiedade.

5. Os riscos incluem a infantilização do sujeito, o desperdício do tempo terapêutico em habilidades inúteis para a sobrevivência diária, o aumento da dependência de terceiros e a possibilidade de evocar comportamentos desafiadores graves gerados pela frustração e inadequação etária das atividades.

---

## AULA 10 – HABILIDADES SOCIAIS E ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA (AVDS)

---

A conquista da independência real para indivíduos no Espectro Autista está solidamente ancorada no domínio de dois grandes eixos comportamentais: as Habilidades Sociais e as Atividades da Vida Diária (AVDs). As AVDs englobam competências fundamentais de autocuidado, como tomar banho de forma independente, escovar os dentes, vestir-se, alimentar-se de forma funcional e gerenciar a própria higiene íntima. Sem a consolidação desses repertórios, o sujeito permanece sob dependência crônica, gerando sobrecarga familiar e severas restrições em sua dignidade pessoal.

Paralelamente, as Habilidades Sociais representam os comportamentos verbais e não verbais necessários para interagir com sucesso em uma cultura. Elas incluem desde habilidades básicas, como sustentar o contato visual funcional e respeitar turnos de fala, até competências complexas de empatia, resolução de conflitos e interpretação de pistas sociais sutis. No Instituto Brasileiro de ABA (IBRABA), o ensino dessas esferas rejeita a mera memorização de regras de etiqueta, baseando-se no treino explícito de operantes sob rigoroso controle de estímulos.

### Caixa explicativa 1 – Ideia central da aula

O ensino de AVDs e habilidades sociais deve basear-se em análises de tarefas detalhadas e no Treino de Habilidades Sociais (THS) estruturado. O objetivo final é a transferência do controle de estímulos para o ambiente natural, garantindo privacidade, autonomia e redução da vulnerabilidade social.

Fonte: Adaptado de Bellini e Peters (2008), Matson (2017), Cooper, Heron e Heward (2020) e IBRABA (2026).

### Engenharia Comportamental Aplicada às AVDs: Encadeamento de Respostas

Para ensinar uma tarefa de autocuidado complexa como escovar os dentes, o analista do comportamento do IBRABA aplica o procedimento de Análise de Tarefas. A conduta macro é quebrada em uma sequência linear de micro-respostas observáveis (Ex: 1. Pegar a escova; 2. Abrir o tubo de pasta; 3. Colocar a pasta na escova; e assim por diante). O ensino desta cadeia pode ocorrer de

três formas: Encadeamento de Frente (\*Forward Chaining\*), Encadeamento de Trás (\*Backward Chaining\*) ou Encadeamento de Tarefa Total (\*Total-Task Chaining\*).

A escolha da técnica depende da linha de base obtida na avaliação funcional. No encadeamento de trás, por exemplo, o terapeuta realiza todos os passos iniciais da cadeia e permite que o aprendiz execute de forma independente apenas o último passo, recebendo o reforçador imediato. Esta técnica é altamente eficaz para indivíduos com baixa tolerância à frustração, pois associa o esforço do sujeito diretamente à conclusão bem-sucedida da tarefa e ao acesso ao reforço.

**[IMAGEM 10.1: EXEMPLO DE ANÁLISE DE TAREFAS PARA HIGIENE DAS MÃOS]**

Fluxograma passo a passo detalhando as micro-respostas consecutivas para o treino de lavagem de mãos autônoma recomendada nos manuais IBRABA.

**Tabela 1 – Modalidades de encadeamento para o ensino de AVDs**

Técnica de Encadeamento	Mecanismo Operacional Técnico	Indicação Clínica Principal	Vantagem Metodológica IBRABA
<b>De Frente (Forward)</b>	O ensino começa pelo passo 1 da cadeia. O terapeuta dá dica nos passos seguintes até a conclusão.	Indivíduos que já compreendem a lógica sequencial da tarefa, mas falham no início.	Respeita a ordem cronológica natural das ações cotidianas.
<b>De Trás (Backward)</b>	O terapeuta realiza os passos iniciais e ensina intensivamente o último passo da sequência.	Aprendizes com histórico de frustração severa ou baixo repertório de atenção.	O sucesso e o reforçador final ocorrem imediatamente após a resposta do próprio aluno.
<b>Tarefa Total (Total-Task)</b>	O indivíduo tenta realizar todos os passos da cadeia em cada tentativa, recebendo dicas apenas onde falhar.	Sujeitos que já possuem as micro-habilidades isoladas, mas não sabem sequenciá-las.	Acelera o tempo de aquisição e imita o fluxo orgânico da rotina familiar.

Fonte: Adaptado de Cooper, Heron e Heward (2020), Matson (2017) e IBRABA (2026).

## O Ensino de Habilidades Sociais: Treino de Habilidades Sociais (THS) e Histórias Sociais

Déficits em interações sociais não devem ser remediados com cobranças verbais vagas do tipo "seja educado" ou "olhe para mim". As habilidades sociais são comportamentos operantes que precisam de treino explícito. O IBRABA adota a estrutura metodológica do Treino de Habilidades Sociais (THS), que consiste em quatro passos rígidos: Instrução Direta (explicar claramente o

comportamento esperado e as pistas ambientais), Modelagem (o terapeuta demonstra fisicamente a conduta adequada), Ensaio Comportamental (\*Role-playing\* ou dramatização controlada da situação) e Feedback com Reforçamento Positivo (correção imediata e validação das respostas corretas).

Outro recurso auxiliar valioso são as Histórias Sociais (desenvolvidas por Carol Gray). São narrativas curtas e personalizadas, escritas em primeira pessoa com apoio visual, que descrevem situações sociais específicas, os sentimentos dos outros envolvidos e as respostas comportamentais esperadas do aluno, aumentando a previsibilidade do ambiente.

### Caixa explicativa 2 – A falácia da socialização espontânea

Inserir uma pessoa com TEA em um ambiente social sem treino de operantes específicos não gera socialização; gera isolamento ou episódios de trauma social. Interações sociais de sucesso exigem o domínio prévio do controle de estímulos de pistas interpessoais.

Fonte: Adaptado de Bellini e Peters (2008), Carol Gray (2010), Matson (2017) e IBRABA (2026).

**Tabela 2 – Componentes estruturais de uma História Social Eficaz**

Tipo de Frase (Carol Gray)	Definição Técnica e Função	Exemplo Prático (Tema: Visita ao Dentista)
Frases Descritivas	Detalham a situação objetiva, o local e as pessoas presentes, sem julgamento de valor.	"O dentista usa uma luz brilhante para olhar dentro da minha boca."
Frases Perspectivas	Descrevem os estados internos, sentimentos e reações previsíveis das outras pessoas.	"O dentista fica feliz e trabalha rápido quando eu mantenho a boca aberta."
Frases Diretivas	Sinalizam de forma suave a resposta comportamental esperada ou a estratégia que o aluno pode usar.	"Quando a luz me incomodar, eu posso fechar os meus olhos e respirar fundo."

Fonte: Adaptado de Carol Gray (2010) e IBRABA (2026).

### Estudo de caso clínico

Beatriz, 14 anos, diagnosticada com TEA Nível 2 de suporte, possuía fala vocal expressiva fluida, mas apresentava isolamento severo no ambiente escolar da escola estadual. Durante os intervalos, Beatriz permanecia sentada sozinha, lendo livros de anatomia (seu hiperfoco). Quando outras adolescentes tentavam iniciar uma conversa, Beatriz emitia tatos longos e monopolizadores sobre o sistema digestivo, ignorando completamente as tentativas das colegas de mudar de assunto, o que fazia com que os pares se afastassem. Além disso, Beatriz ainda dependia de dicas verbais totais

da mãe para realizar sua higiene pessoal pós-menstruação, gerando vulnerabilidade à sua saúde física.

A equipe de supervisão do IBRABA interveio em dois eixos. Primeiro, estruturou-se uma Análise de Tarefas para a troca de absorventes higiênicos, utilizando o procedimento de Encadeamento de Trás (\*Backward Chaining\*). Em paralelo, Beatriz ingressou em um Grupo de Treino de Habilidades Sociais na clínica. Utilizou-se o ensaio comportamental com gravação de vídeo (\*Video Modeling\*) para ensinar duas micro-habilidades: iniciar conversas fazendo perguntas sobre o outro e identificar pistas não verbais de tédio ou desinteresse do interlocutor (olhar para o relógio, desviar o corpo).

Uma História Social personalizada foi criada para regular os turnos de fala no recreio. Em quatro meses de execução integrada, Beatriz conquistou independência completa na AVD íntima. No eixo social, os dados de registro indicaram que ela passou a sustentar diálogos de até 5 minutos com troca equilibrada de turnos verbais com suas colegas de classe, demonstrando uma expansão significativa em seu repertório adaptativo e inclusão social real.

**Tabela 3 – Matriz de Intervenção Integrada (AVDs e Social): Caso Beatriz**

Eixo de Intervenção	Déficit Identificado (Baseline)	Estratégia Técnica Aplicada	Mecanismo de Reforço e Generalização
<b>Autocuidado (AVD)</b>	Dependência de dicas maternas na higiene menstrual.	Encadeamento de trás associado a dicas visuais discretas coladas na porta do banheiro.	Reforço natural (privacidade e alívio do desconforto físico) sem mediação da mãe.
<b>Habilidade Social</b>	Monopólio de conversas com hiperfoco; falha em identificar desinteresse de pares.	Treino de Habilidades Sociais (THS) com encenação de papéis (*Role-playing*) e uso de História Social.	Reforço social generalizado (aproximação estável e convites das amigas na escola).

Fonte: Relatórios de evolução clínica e social da Hub IBRABA (2026).

## Questões reflexivas

1. Descreva o processo de Análise de Tarefas e diferencie os mecanismos operacionais do encadeamento de frente e do encadeamento de trás no ensino de AVDs.
2. Por que o encadeamento de trás (\*Backward Chaining\*) é frequentemente indicado para aprendizes com histórico de frustração crônica?
3. Quais são os quatro passos estruturais obrigatórios que compõem o Treino de Habilidades Sociais (THS) e qual a função de cada um?

4. No caso de Beatriz, de que forma as pistas não verbais do interlocutor funcionaram como estímulos delta ou discriminativos para a regulação do seu comportamento verbal?
5. Como a estrutura das Histórias Sociais de Carol Gray auxilia na previsibilidade e na redução de respostas disruptivas em ambientes públicos?

## Gabarito comentado

1. A Análise de Tarefas quebra uma conduta macro em micro-passos sequenciais. No encadeamento de frente, o aluno aprende a partir do passo 1 e o terapeuta ajuda no resto. No encadeamento de trás, o terapeuta realiza os passos iniciais e ensina intensivamente o último passo, movendo-se de trás para frente à medida que o aluno domina as etapas.

2. Porque no encadeamento de trás, o aluno realiza apenas o último passo necessário para concluir a tarefa. Isso garante que seu esforço seja coroado imediatamente com o sucesso da ação e o acesso ao reforçador biológico ou social, reduzindo erros e eliminando a frustração de longas esperas.

3. Os passos são: Instrução Direta (explicação teórica clara da habilidade), Modelagem (demonstração prática pelo terapeuta), Ensaio Comportamental (prática do aluno em simulação controlada) e Feedback/Reforçamento (validação e correção das respostas emitidas pelo aluno).

4. Inicialmente, as pistas não verbais de tédio eram estímulos neutros para Beatriz. Com o THS, foram transformadas em estímulos discriminativos ( $S^D$ ) para uma resposta alternativa: parar de falar sobre o hiperfoco e fazer uma pergunta à colega, restabelecendo o reforço da interação recíproca.

5. As Histórias Sociais organizam o ambiente por meio de frases descritivas, perspectivas e diretivas. Ao ler a história antes de vivenciar o cenário real, o indivíduo antecipa visual e verbalmente os acontecimentos e os comportamentos adequados esperados, reduzindo a ansiedade que evoca crises.

## Fechamento didático

O domínio das Atividades da Vida Diária e o refinamento das Habilidades Sociais constituem o ápice do processo terapêutico em ABA. Ao transformar tarefas complexas e sutilezas sociais em unidades funcionais passíveis de ensino estruturado, o especialista do IBRABA rompe as barreiras do isolamento, entregando autonomia real e dignidade concreta para a vida independente da pessoa no espectro autista.

## Referências Bibliográficas

Bellini, S.; Peters, J. K. **Strategies for modifying instruction to improve social skills in students with autism spectrum disorders**. Focus on Exceptional Children, v. 40, n. 7, p. 1-12, 2008.

Gray, C. **The New Social Story Book**. 10. ed. Arlington: Future Horizons, 2010.

Matson, J. L. **Handbook of social skills and autism spectrum disorder**. Cham: Springer, 2017. DOI: 10.1007/978-3-319-62995-7.

Partington, J. W.; Mueller, M. M. **The assessment of functional living skills (AFLS) protocol**. Walnut Creek: Behavior Analysts, 2012.